



Ana Cristina Taveira

Vida(s) na Formação Profissional

O meu nome é Ana Cristina Taveira.

Agradeço o convite para escrever, em representação do meu pai, António Taveira, já falecido, sobre o seu trajeto profissional nos primórdios da formação profissional e o seu desempenho enquanto primeiro Diretor do Centro de Formação Profissional do Seixal.

O meu pai foi diretor do Centro de Formação Profissional do Seixal desde o seu primeiro dia oficial, 22 de fevereiro de 1969 até 1985, apenas com um interregno de 2 anos – entre 1972 e 1974 – período durante o qual foi diretor do Centro de Formação Profissional de Luanda.

A história do Centro de Formação Profissional do Seixal começou antes da sua inauguração e a sua génese está ligada ao percurso profissional do meu pai ou, como era conhecido, o Professor António Taveira.

Em 1965 foi nomeado adjunto do Diretor do Instituto de Formação Profissional Acelerada e Diretor do Centro Nacional de Formação de Monitores que funcionava em Xabregas.

Autor do programa-tipo para projetos dos Centros de Formação Profissional Acelerada e Colaborador-Conselheiro para os Centros do Porto e Seixal, fez parte das reuniões do Conselho Consultivo do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

Resultaria desse trabalho a definição dos pilares estruturantes da formação profissional, designadamente, a terminologia das Modalidades de Formação Profissional e a definição das Secções a instalar no Centro do Seixal, estas em reunião de 12 de abril de 1966.

Fez ainda parte do grupo que esteve em França, por duas vezes, para estagiar em Administração de Centros de Formação – vertente administrativa e técnico-pedagógica - e mais tarde no Brasil, em Gestão de Centros, Metodologias e Programas.

Em 1967 foi contratado para Diretor do Centro nº 3 de Formação Profissional Acelerada, no Seixal, e destacado para dirigir o Centro nº 4, na Venda Nova, como supervisor da sua adaptação e montagem de infraestruturas técnicas e administrativas.

No Centro nº 3, as suas funções eram as de acompanhar a sua instalação, aquisição do terreno, autoria do desenho de projeto e as obras de execução.

O Centro nº 3 de Formação Profissional Acelerada do Seixal ficaria pronto em 1969.



No dia 22 de fevereiro foi inaugurado com pompa e circunstância pelo Ministro das Corporações e Previdência, Gonçalves Proença, e pelo Presidente da República, Almirante Américo Tomás, refletindo a importância da formação profissional para a implementação dos Planos de Fomento (III) e a qualificação da mão-de obra para o desenvolvimento industrial, na época. Apesar de, nessa altura, os requisitos para frequentar a formação serem apenas saber ler, escrever e fazer contas...

Coube-me a mim (na data com 4 anos de idade) fazer a entrega das flores ao Presidente da República na cerimónia de inauguração.

São factos históricos documentados.

Mas eu gostaria de partilhar um outro lado da história do Centro do Seixal. O lado não profissional, não oficial, vivido na primeira pessoa, no dia a dia, como eu sentia o Centro como uma micro sociedade, um mundo à parte, e que ficou gravado na identidade do Centro e das pessoas que lá trabalharam.

Foi no ano de 1967 que começaram os passeios à Cruz de Pau, em família alargada (pai, mãe, eu e 3 irmãos e ainda o avô). A nossa residência habitual era em Lisboa e o local onde viria a ser o Centro ficava bem longe, na outra margem e no campo.

Quando chegávamos à Cruz de Pau, seguíamos a rua principal, a Rua Infante D. Augusto, com umas casinhas baixas e rodeada por quintas (a do Paço, a da Princesa, a do

Talaminho, a Bela Vista, etc), todos os dias percorrida pela carroça do Manuel Farinha puxada a cavalos.

Em 1969 o Centro ficou pronto e ainda nesse ano viemos viver para a moradia do fundo.



A moradia do meio, idêntica à nossa, era para o adjunto e a primeira, logo à direita na entrada do portão principal, um pouco mais pequena e diferente das outras, estava destinada ao porteiro, o sr. Alves e à D. Augusta, sua mulher, que era uma das telefonistas. Tal como a D. Margarida, a sua outra colega, partilhava o PBX que era um aparelho fascinante, cheio de patilhas e com um auscultador que pousava no ombro.

Descontando a breve passagem por Luanda, foram 13 anos vividos no Centro de Formação do Seixal. Um mundo dentro do mundo, de manhã à noite a correr e a brincar e muitas vezes a esmurrar os joelhos na gravilha.

O Centro era enorme. Uma grande família. No edifício principal entrávamos pouco, na secretaria trabalhava a D. Cidalina, o tesoureiro Sr. Malheiro que fazia uns petiscos servidos em dias de lazer, mas também lá trabalhava a Ju, a Mila, o Sr. Moura e o Sr. Rosa, entre outras pessoas, cujo nome já não me recordo. No refeitório, o olhar atento da encarregada, a D. Otília, acompanhava o dia a dia na confeção dos almoços e havia muitas senhoras que mexiam grandes panelas, espalhando o cheiro a comida. Todas me chamavam Cristininha.



Ao longe, viam-se as camaratas. Eu nunca lá entrei. Cheias de estagiários, vinham de todo o país, do Norte rural, dos Açores e da Madeira e ficavam por lá durante 6 ou 9 meses, consoante o curso que frequentavam.

Os monitores tinham por apelido o nome das suas secções: O Sr. Rosário dos Estuques, Sr. Pires da Ladrilhagem, o Sr. Matos da Mecânica, o Sr. Madeira da Carpintaria e tantos outros: Leão, Marques, Ponciano, Ruas, Silva Pinto, Caniça, Cabeça, Nobre....

O caminho para as oficinas era feito pela mata, atrás da nossa casa. Era onde apanhávamos os medronhos e podíamos acampar com as bonecas. O meu irmão mais novo era o meu companheiro destas aventuras, quando não andava dentro do *Dumper* com o Sr. Janeiro que era o marido da D. Maria das Dores da lavandaria onde trabalhava com a filha, a Maria José, que, por sua vez, era a mulher do Sr. Pereira, o motorista.

Em 1970, o Sr. Pereira levava a carrinha para ir buscar o pessoal a Cacilhas e, no caminho, deixava-me na escola.

O Sr. Costa era o enfermeiro. Diariamente, no posto médico, assistia os estagiários e os funcionários que dele necessitassem e, com zelo e disponibilidade, ia tratando dos nossos joelhos esmurrados, com pequenas variações nos curativos feitos a pedido, tal como furar as orelhas para os brincos preferidos, ou assistir a emergências domésticas, tais como tratar de um rabo de gato atropelado. Havia ainda o Dr. Grilo, o médico atencioso e simpático para com toda a gente, e a Assistente Social, a D. Otília, que cheia de criatividade, organizava as festas e os eventos, tratava dos processos de abono de família, das bolsas e, como se fizesse parte das suas funções oficiais, ainda resolvia os problemas criados pelos estagiários com as raparigas da Cruz de Pau.

Faziam-se Gincanas (agora são Rally Papers), e nas Festas de Natal, eu e as outras filhas de funcionários cantávamos e os estagiários, consoante as suas aptidões artísticas também participavam. Anos mais tarde, a 4ª feira era dia de cinema na Sala de Atos (ainda não se chamava auditório) ...

O Centro era um mundo. A Cruz de Pau foi crescendo e muitos funcionários passaram a morar perto do Centro, nos prédios que foram aparecendo por todo o lado.

A realidade foi-se alterando.

Os estagiários tornaram-se formandos. As camaratas desapareceram e a Cruz de Pau ainda mais cresceu para os receber em quartos alugados aqui e ali. As secções desapareceram. Vieram as ações de formação com novas modalidades e novos nomes. Os monitores foram substituídos por formadores. O Centro perdeu o nº 3 no nome. Tal como o IFPA que foi substituído pelo IEFP.

Vieram outros funcionários, mas muita gente da família ainda lá estava e o Centro adaptava-se aos novos tempos. A magia continuava.

A minha casa no Centro foi a única casa onde cresci e vivi com os meus pais e irmãos. Desde que saí de casa dos meus pais, já há bastante tempo, a moradia tornou-se um local de trabalho e é mais uma parte anexada à estrutura do Centro de Formação. Mas não para mim

Termino voltando ao homenageado. O meu pai dedicou 22 anos da sua vida profissional e pessoal à Formação Profissional.

Em 1985 foi afastado da direção do Centro de Formação do Seixal por falta de um requisito fundamental para ser dirigente, segundo o entendimento de quem decidia: o grau de licenciado. O meu pai era “apenas” engenheiro técnico, cujo grau de ensino correspondia a bacharel.

Os anos até à sua aposentação, em 1987, foram passados na Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Eu trabalhava lá, em início da minha carreira. Quando devia ter o entusiasmo de quem começa, entristecia-me ver o meu pai, agora colega, apenas a cumprir horário. O desempenho de uma vida profissional preenchida, exigente e meritória não foi suficiente para garantir, pelo menos, alguma ocupação até ao seu último dia de trabalho. Houvera, então, RVCC para dirigentes, ele teria sido certificado com excelência.

Não se pode mudar o passado para escrever um fim mais doce. Mas eu sei, e muitos sabem, o valor do Professor António Taveira e tudo o que construiu. Essa é que é a verdadeira história, aquela que vale a pena ser lembrada.